

**HALLWARD, Peter, *Absolutely Postcolonial: Writing between the Singular and the Specific***

**Marcos Cardão**

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/916>

DOI: 10.4000/cultura.916

ISSN: 2183-2021

**Editora**

Centro de História da Cultura

**Edição impressa**

Data de publicação: 1 junho 2007

Paginação: 286-290

ISSN: 0870-4546

**Refêrencia eletrónica**

Marcos Cardão, « HALLWARD, Peter, *Absolutely Postcolonial: Writing between the Singular and the Specific* », *Cultura* [Online], Vol. 24 | 2007, posto online no dia 10 outubro 2013, consultado a 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/916> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cultura.916>

---

**HALLWARD, Peter, *Absolutely Postcolonial: Writing between the Singular and the Specific*, Manchester, Manchester University Press, 2001, 433 pp.**

Marcos Cardão

Na contracapa deste livro o filósofo esloveno Slavoj Žižek escreve: “finalmente a voz que secretamente todos estávamos à espera (...) se cada livro pudesse ser uma arma, este sê-lo-ia!” Da exclamação passemos à interrogação: será que nos dias que correm ainda existem livros que recusem o cepticismo reinante e abalem os consensos estabelecidos?

Findo o século das rupturas e das catástrofes, encontramos-nos entre paradigmas, um local de eterno presente, dominado por falsos consensos, singularidades e pragmatismo. Visando elaborar uma filosofia pós-colonial da subjectividade, este livro, árido mas eficiente em termos pedagógicos, desafia criticamente as categorias estabelecidas para interpretação do mundo, em particular as nomenclaturas avançadas pelas teorias pós-coloniais. Estas inicialmente enfatizaram a fragmentação, o que supostamente conduziria a uma nova atenção ao contexto e à pluralidade das posições do sujeito; porém, estas suposições rapidamente resvalaram para uma metacategoria “indiferenciada” em que tudo se tornou indistinto, *singular* e particular.

É no impasse teórico dos estudos pós-coloniais que Peter Hallward – através de um aturado estudo literário das obras do caribenho Edouard Glissant, do norte-americano Charles Johnson, do argelino Mohammed Dib e do cubano Severo Sarduy – procura reafirmar a validade da literatura, independentemente das leituras parciais da política ou do interpretativismo desconstrucionista. Este projecto reenvia-nos para a filiação original dos estudos pós-coloniais que, no que diz respeito à literatura, foram recorrentemente *breves*, *insubstanciais* e, por vezes, simplesmente *anedóticos*.<sup>1</sup>

Peter Hallward, professor de Filosofia Moderna na Universidade de Middlessex, publicou *Absolutely Postcolonial* em 2001 e, posteriormente, tornou-se um divulgador da obra filosófica de Alain Badiou no mundo anglófono, com a publicação de *Badiou: A Subject to Truth* (2003); *Think Again: Alain Badiou and the Future of Philosophy* (2004), um volume editado por Peter Hallward e Slavoj Žižek; e o recente *Out of this World: Deleuze and the Philosophy of Creation* (2006). São ecos destes autores, entre outros, que perpassam neste trabalho controverso.

<sup>1</sup> “Having long since absorbed the boundary-blurring lessons of deconstruction, many postcolonial literary critics seem embarrassed by what remains of their disciplinary affiliation. Most postcolonial readings are brief, often insubstantial, sometimes simply anecdotal” (p. 335).

*Absolutely Postcolonial* está dividido em cinco capítulos, quatro deles dedicados aos romancistas referidos, seguidos por *excursus* no final de cada capítulo, nos quais o autor expõe os seus conceitos, ao mesmo tempo que critica os conceitos hegemónicos da ordem pós-moderna: híbrido, intersticial, contingente, *singular*, indeterminado e unívoco.

Na introdução são analisados dois conceitos fulcrais na tese do autor: *singular* e *específico*, que designam dois pólos abstractos distintos. O primeiro consiste num processo interno de individuação não-relacional e particular que substitui a historicidade pela contingência; e o segundo, por essência relacional, pressupõe deliberações, escolhas, riscos e potencia novos universalismos<sup>2</sup>. Hallward argumenta que o discurso pós-colonial está acoplado a uma empresa essencialmente *singular*, autoconstituída e auto-regulada, que resiste à mediação, logo não tem objecto específico susceptível de interpretação. Não se trata apenas de uma crítica terminológica à singularização dos conceitos (*agência, contexto, eu, outro, política, cultura*) postos em prática pela teoria pós-colonial, é também uma clara condenação da abordagem *singular* de raiz deleuziana<sup>3</sup> operada por outras teorias, em particular pela teoria literária.

Para resistir à tendência da singularização o autor propõe uma reconceptualização teórica global e uma inovação política incisiva<sup>4</sup>. Em primeiro lugar, preencher a lacuna que existe actualmente nos estudos pós-coloniais que, segundo Hallward, fazem uma leitura dos textos literários de forma “apologética”, “particularista” e “parcial”, em vez de efectivarem uma leitura detalha dos textos “nos seus próprios termos”. Em segundo lugar, reconceptualizar o *específico*, não como sinónimo do particular, intrínseco ou local, mas como uma equação activa e subjectiva da relacionalidade enquanto tal. Em terceiro lugar, quebrar o laço entre política e cultura, não cedendo à omnipresença da cultura reificada na sociedade contemporânea nem ao comunitarismo identitário reinante. Em quarto lugar, reafirmar a autonomia limitada do campo literário e da sua capacidade de criação e invenção de palavras não submetidas às qualidades específicas que governam a sua produção;

<sup>2</sup> “Roughly speaking, a singular mode of individuation proceeds internally, through a process that creates its own medium of existence or expansion, whereas specific mode operates, through the active negotiation of relations and the deliberate taking sides, choices and risks, in a domain and under constraints that are external to these takings” (p. XII).

<sup>3</sup> “Deleuze accepts that there has only ever been one ontological proposition: Being is univocal. (...) Deleuzian univocity is the condition of radically *singular* difference, i.e. difference free from the limits of constituent relations *between* the differed. Difference rests entirely in the ‘Creating’, so to speak” (p. 12). Ver também Peter Hallward, *Out of this World: Deleuze and the Philosophy of Creation*, London, Verso Books, 2006.

<sup>4</sup> “Postcolonial writing is indeed worthy of *systematic* and thorough interpretation, but such interpretation can only proceed on the basis of an unapologetically contemporary theoretical framework” (p. XIX).

impedindo deste modo a exclusão da literatura para uma espécie de “regresso dos deuses” romântico, ou para afirmação de um didactismo do “como deve ser” do realismo socialista. Por fim, retomar a palavra/significado universal, com vista a prescrever as condições de possibilidade válidas para qualquer relação independentemente das suas especificidades e contingências.

Recuperemos a questão do *singular* e do *específico* na abordagem que o autor faz do trabalho de Glissant, Johnson, Dib e Sarduy que, apesar da sua origem radicalmente diversa, apresentam uma concepção *singular* da realidade. Pese embora a irredutibilidade das posições e trajectórias de cada dos autores: Dib partilha uma versão do misticismo islâmico; Sarduy e Johnson partilham uma versão do budismo; e Glissant segue o modelo “tout-monde”, ou seja, uma versão nomadológica de origem deleuziana.<sup>5</sup> O *singular*, como nómádo e não relacional, afirma a passividade e a univocidade de cada indivíduo; em contraponto, a categoria de *específico* valoriza a relação do sujeito em cada situação/contexto e sugere a preeminência do sujeito sobre o objecto. O projecto seria produzir um conceito de sujeito que não tivesse como sustentáculo o objecto.

Hallward socorre-se de Franz Fanon para explicar este processo: um indivíduo torna-se sujeito na sequência de um processo militante de descolonização. Este processo relacional conduz à universalidade (um universal político), “desobstruindo”<sup>6</sup> o sujeito que anteriormente estava constringido pela situação colonial. Todavia, a eliminação do constringimento colonial (ou outro) não produz necessariamente o *específico*, pois este processo só é possível através de sucessivas “desobstruções”. Pretende-se no fundo a conversão das relações objectivadas e *singulares* em relações subjectivas e *específicas*. Em resumo, parece-nos claro que a ênfase na relacionalidade<sup>7</sup> e nas taxinomias de *específico* e *singular* reconduzem-nos às noções de sujeito e objecto, ou não será o sujeito *específico* (“desobstruído”) um sinónimo contemporâneo do sujeito universal emancipado? Se assim é, quais são os trilhos dessa emancipação?

<sup>5</sup> “I will argue that Glissant’s later concept of the *Tout-monde*, or whole-world, is not *fundamentally* relational in the specific sense used in the present study, so much as the medium and expression of a singular whirlwind of self-differentiation and constant or ‘chaotic’ metamorphosis. Like Deleuze, Glissant arrives at a theory of *la Relation* defined primarily by its transcendence of relations with or between specific individuals” (p. 67).

<sup>6</sup> Que corresponde a “Despecification” no original em inglês: “the subject *qua* subject only comes into being *through* and as a result of the militant process of decolonisation as such. *Despecification* – here the explosion of colonial constraints – *is itself the process of subjectivation*” (p. 50).

<sup>7</sup> “Relationality, in short, is not itself dialectical (even though many relations are inflected in a dialectic way). Relation is the unchanging medium and transcendental condition of our existence. (...) Relation does not distribute its ‘terms’ in a singular dissemination, but provides the medium in which these terms persist and change” (p. 252).

Aqui entramos no ponto mais espinhoso da análise de Hallward, que propõe o regresso *específico* do estado-nação para fazer face aos “minimercados” particularistas do culturalismo contemporâneo; desvalorizando assim a resistência liminar ao estado-nação por parte das teorias pós-coloniais que o consideram um obstáculo à dinâmica singular de criouliização cultural. Hallward defende um nacionalismo *neo-jacobino* inclusivo e solidário, indiferente às especificidades particulares, que assegure à acção política alguma durabilidade. Esta reabilitação, excessivamente voluntarista, pressupõe que o estado-nação se encarregue da “transubstanciação” de comunidades locais e das suas tradições na nação moderna (“comunidade imaginada”) que, independentemente das desigualdades, engendra laços de camaradagem horizontais entre os seus constituintes. Nesta lógica, o estado-nação “sublimaria” as formas locais de identificação, impondo-lhes uma significação “patriótica” universal e, contiguamente, posicionar-se-ia como uma espécie de fronteira pseudo-natural da economia de mercado, separando o comércio “interno” do comércio “externo”. Esta forma de *nacionalismo económico*, ou seja, a “sublimação” da actividade económica elevada à categoria de *coisa* étnica, legitimada enquanto contribuição patriótica para a grandeza das nações, esbarra evidentemente na lógica imanente ao Capital, cuja natureza “transnacional” é, por definição, indiferente às fronteiras do estado-nação.

Curiosamente a perspectiva de reabilitação do estado-nação proposta neste livro coincide com o argumento universalista que, para além de transcender as contingências empíricas, prescreve critérios válidos para todas as relações numa dada situação. Neste caso a legitimidade não decorre da integridade de uma dada relação particular (do estilo empregador/empregado ou senhor/escravo) mas sim do critério normativo aplicado a cada relação em geral, o que implica deliberação, decisão e tomada de partido (militante e subjectiva), ou seja, a universalidade é um resultado excepcional que tem a sua origem num momento, a consequência de uma decisão e uma “maneira de ser” que transcende um saber ou uma representação. A concepção específica da relacionalidade radica num “surgimento incalculável” que requer uma disposição subjectiva transversal a todas as representações e indiscernível ao tempo, ou seja, deve ser necessariamente a-histórico e sem predicados descritivos preexistentes. Nesta passagem Hallward repercute nitidamente o trabalho *événementiel* de Alain Badiou.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Ver Alain Badiou, *L'Être et l'événement*, Paris, Éditions du Seuil, 1988; no qual enuncia e valida (filosoficamente) a equação matemática = ontologia; e articula os pontos nodais da sua filosofia: *Ser, Acontecimento e Sujeito*. Para Badiou há quatro “procedimentos genéricos”: o amor, a arte (criação), a ciência (conceptual) e a política (emancipadora). A Verdade irrompe de um destes quatro Acontecimentos e tem como finalidade um Sujeito que é fiel às consequências do Acontecimento. Este impulso de fidelidade é uma “escolha pura” *indiscernível*, pois a Verdade é ilimitada nas suas formas; *inominável*, porque não tem nomes nem é legislável; *indecidível*, no sentido em que a Verdade não é uma garantia permanente, ela acontece

Em suma, *Absolutely Postcolonial* é um manifesto teórico para o século XXI que versa uma multiplicidade de temas que vão desde a distinção entre política e cultura; a reafirmação de uma certa autonomia do campo literário; a adopção de uma política *específica* para fazer face às tendências globais eminentemente *singulares*; até à demonstração que, contra todas as evidências em contrário, a era das invenções políticas está longe de ter terminado.

Os argumentos, a densidade e a perspicácia do livro de Peter Hallward são inegáveis, mas será que este “exercício de pensamento” é transponível para outros campos do saber? Que consequências trariam a operacionalidade de tais teorias? No caso das Ciências Sociais acreditamos que a tónica da relacionalidade “desobstruiria” os saberes compartimentados de cada disciplina, por vezes excessivamente singulares e presos a “jogos de linguagem” particulares, e abalaria o modo de funcionamento do trabalho académico corrente (explicativo, verificável, empírico, solucionador de problemas, etc). A dimensão do “aparato teórico” seria crucial para a efectivação de um projecto transdisciplinar que possibilitasse elaborar “metacomentários”<sup>9</sup> capazes de traduzir criticamente a realidade, minando desta forma as fronteiras disciplinares do trabalho académico. Nesta linha, a abordagem de Peter Hallward, ainda que incompleta e contraditória, é uma lufada de ar fresco que visa interpretar, da forma mais alargada possível, os vários contextos *específicos*, problematizando, ao mesmo tempo, os procedimentos dessa análise.

e é perpetuamente verificável; e *genérica*, pois a Verdade não pertence ao conhecimento nem é representável. Estes conceitos, entre outros, são desenvolvidos no segundo tomo de Alain Badiou, *Logique des mondes. L'Être et l'événement 2*, Paris, Éditions du Seuil, 2006; onde prossegue ‘formalizações lógicas’ que (re)inventem a metafísica contemporânea.

<sup>9</sup> Ver entrevista a Frederic Jameson conduzida por Xudong Zhang, “Marxism and the Historicity Theory”, publicada no *New Literary History*, 29 (3) (1998), pp. 353-383; in *The Jameson Reader*, Ed. Michael Hardt e Kathi Weeks, Blackwell, Oxford, 2004 (2000) pp. 149-163.